

Somos Severinas, Severinos, Severines - Crítica do espetáculo *Vida Severina* ou *Tem Muita Gente Nesse Barco*

Por Simone Carleto¹

Noite de sexta-feira, 29 de outubro de 2021, esse dia histórico, no qual o NAC - SESI, Núcleo de Artes Cênicas do Sesi São José dos Campos, abre as portas do Teatro do Sesi São José dos Campos para receber presencialmente o público de volta à casa de espetáculos. O simbólico desse momento é triplamente representativo: trata-se de efeméride na qual a abertura conjuga reestrea do espaço artístico do Sesi, reestrea do grupo de teatro sediado no local, compondo o NAC-SESI e tudo isso dentro da 35ª edição do Festivale, edição esta que enfoca a produção teatral de São José dos Campos. O público demonstrou-se emocionado e mesmo encantado com a obra que foi apresentada pelo numeroso grupo de teatro do NAC-SESI, com o espetáculo *Vida Severina* ou *Tem Muita Gente Nesse Barco*. A condução-direção de Roberval Rodolfo traz a imponência de uma produção grandiosa, colocando em cena o contexto internacional, os temas interseccionais contemporâneos e a formação teatral consistente e processual de um coletivo diversificado considerando a unidade entre jovens, pessoas mais experientes e com diferentes formações nas áreas artísticas. E Roberval rege tal concerto como um maestro de ópera: conjuga proposta arrojada de encenação, desenhos de cenas, canto, musicalidade, visão coreográfica e elenco permanentemente em cena.

¹ Atriz, diretora e artista-pedagoga de teatro, Simone é Mestre, doutora e pós-doutoranda em Artes Cênicas pelo Instituto de Artes da Unesp. Coordenou a Escola Viva de Artes Cênicas e o Programa Municipal de Fomento ao Teatro e à Dança de Guarulhos. Atua como professora do Curso Profissionalizante em Teatro do Centro de Artes Cênicas (CAC) Walmor Chagas, em São José dos Campos.

Por falar em orquestração, fica evidente a capacidade organizativa do coletivo. Como imaginar tamanha organicidade em tempos de pandemia? A obra demonstra o afincamento do trabalho realizado, transparecendo a efetividade dos ensaios.

O roteiro dramatúrgico tem como base as obras de João Cabral de Melo Neto (*Morte e Vida Severina*) e Matéi Visniec (*Migraantres ou O Salão das Cercas e Muros*) e foi construído por Ana Clara Machado, Lusiane Veloso, Solaine Silva e Roberval Rodolfo. A ficha técnica reúne, com a direção de Roberval Rodolfo, o elenco formado por Ana Clara Soares, Ana Clara Machado, Dina Mary, Fernando Justolin, Feu Andrade, Giovana Carneiro, Heitor Cameschi, Henrique Rubro, Jeffy, Karol Zordan, Luciano Silva, Lusiane Veloso, Luty, Sâmmyr Muradi, Solaine Silva, Soledad Ramirez, Rosa Tatuada, Víctor D'Angelo, Vito Rodriguez. Os figurinos são de Keila Sango, iluminação de Feu de Andrade, Jean Fábio e Roberval Rodolfo, que também assina a cenografia e visagismo. Ana Clara Soares coordena a sonoplastia pensada pelo coletivo e o treinamento de perna de pau foi feito por Feu de Andrade.

Todo esse corpo colocou no palco as histórias contemporâneas de tantas pessoas em processos de imigração, migração, refugiados, buscando condições de sobrevivência e resistindo aos diversos processos de barbárie e desumanização. Comércio globalizante e anestesiador-naturalizante das injustiças, tráfico de pessoas e órgãos, violências cotidianas, tentativas de invisibilizar aquelas e aqueles que questionam os padrões vigentes por grupos poderosos.

Do ponto de vista da forma, esses temas são costurados musicalmente e imagetivamente com a formação de tableaux, que são quadros que se formam em composição plástica das cenas. Também a utilização do encenador dos planos de ação simultâneos na cena, criando belíssimas imagens em três ou mais planos, desenhadas por primorosa iluminação, faz com que o espetáculo ganhe uma importante profundidade visual. Nesse particular, conforme sugeri em bate-papo pós apresentação, mediado por Eva Sielawa, é necessário conferir a visibilidade das cenas que acontecem atrás da cerca no fundo da cena, pela qual passam significativas personagens que carregam as chamadas representatividades. Isso porque algumas vezes a cena dos planos à frente cobrem o que acontece no fundo, e que é o foco da cena no momento, o que no teatro denominamos pivôs da cena.

Outro ponto mencionado foi com relação à modulação das vozes faladas, já que as vozes cantadas são totalmente harmônicas. Trata-se de experimentar

articular as palavras em detrimento da necessidade do grito, considerando que o corpo expressivo dá conta da intencionalidade do ator/atriz em cena. Evidentemente são apontamentos mínimos, inclusive porque foi a apresentação de estreia presencial e sabe-se que muitos ajustes técnicos se dão em processo, que a direção de Roberval Rodolfo e toda dedicação aliada ao conhecimento garantem. O espetáculo me parece contemplar parte do que se espera do chamado teatro pós-pandemia, ao lidar com a costura de diferentes temas, utilizando as formas épicas, aliando projeções de imagens, tecnologias e poéticas.

Quando solicitadas palavras por parte do público que representassem afetos causados pela obra, tivemos: atualidade, nostalgia, medo, sensibilidade, força, arrepio, revolta, luta, denso, musicalidade, rede, comunhão, empatia, harmonia, desastre, vínculo e uma palavra pergunta “impulsioneamento?”, pela bailarina Laila. De fato, estas palavras remetem a muitas cenas da peça e esse impulsioneamento é justamente o que se faz presente nessa importante iniciativa do Sesi. Evoé! Por mais projetos de formação com estrutura, acesso aos processos de criação artística e principalmente partilha .

Enquanto tivermos espaços de formação cultural, artística e processos de humanização, haverá o ato de esperar. Vida longa ao NAC-Sesi e aos e às artistas de São José dos Campos. Vida longa ao Festivale que possibilitou esse feliz (re)encontro.